

Encaminhamentos sobre incidente de derramamento de óleo no litoral do NE

Ações da UFSB

Desde as primeiras notícias sobre o incidente de derramamento do óleo em área oceânica próximo ao litoral nordestino, os oceanógrafos da UFSB estão apreensivos. No entanto, após a chegada do óleo à região de Salvador e Itaparica, via dispersão por correntes marítimas, o corpo técnico da UFSB tem de empenhado em esclarecer e alertar o poder público e população via seus representantes nos Conselhos de Meio Ambiente de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália, assim como membros do Projeto Coral Vivo.

Por solicitação do MPF (Eunápolis) foi elaborado um laudo técnico sobre a vulnerabilidade dos ambientes marinhos e costeiros da região de Porto Seguro e adjacências ao então iminente impacto local deste incidente de derramamento de óleo.

Elaboração de um plano de ação emergencial também por solicitação do MPF.

Apoio e participação de professores e alunos da UFSB em alguns encontros promovidos por setores da sociedade civil para orientações básicas à população e voluntários.

Esclarecimentos sobre as incertezas que permeiam o incidente e dificultam o planejamento, bem como previsões sobre a possibilidade de chegada do óleo à região.

Orientações sobre a geologia marinha da região e o que a difere das demais áreas ao norte do Complexo de Royal Charlotte e Abrolhos e recomendações para avaliação dos ambientais recifais como o Recife de Fora e os complexos recifais de Santa Cruz Cabrália, devido à possibilidade do óleo ficar retido nesses ambientes, aprisionando o óleo e, assim, mascarando sua chegada às praias. Foi verificada a presença de óleo nos bancos de areia do Recife do Araripe, confirmando tal possibilidade.

Tal alerta foi dado, uma vez que o óleo passa por diversas alterações desde seu primeiro contato com a água do mar: a maior parte dos componentes voláteis “evaporam” na fase inicial, o restante começa a emulsionar (misturar com a água do mar e seus microorganismos). Estas alterações alteram a densidade do óleo, fazendo com que ele migre/derive em diferentes profundidades. Ao atingir ambientes mais rasos, como os da região de Porto Seguro, a menor profundidade faz que com que a ação das ondas se intensifique e remobilize grãos de areias do fundo, os colocando em suspensão na água. Este material suspenso na água também se mistura com o óleo, tornando-o ainda mais denso fazendo com que o mesmo afunde. Pode ser, exatamente, o que aconteceu no Araripe.

Este último processo tem sido reportado em regiões de Alagoas (estado muito mais atingido pelo óleo), principalmente em estuários, onde naturalmente a carga em suspensão dos rios e a menor salinidade contribuem para que o óleo se misture e afunde, ameaçando estes ambientes (recifes, estuários e mangues).

Estes são também os ambientes mais vulneráveis da nossa região, pois atuam como berçário natural daquela que é considerada a maior biodiversidade do oceano Atlântico Sul. Por isso foi sugerida a tentativa de proteção (ainda que parcial) dos estuários da região para minimizar o possível impacto do óleo. Esta proteção pode ser realizada pela instalação de bóias de contenção específicas ou mesmo improvisadas com cerca de arame e sombrite, como realizado em locais atingidos como, por exemplo, em Caravelas (vide nota técnica da UFSB, Prof. Anders).

A chegada às praias são também preocupantes, embora menos graves ao meio ambiente do que os locais acima citados. No entanto, nas praias o impacto é visível à população e turistas, o que acarreta uma série de preocupações sócio-econômicas. É o local onde as pessoas mais freqüentam, para trabalho e para recreação, além disso é um local de fácil acesso e destino final de boa parte do óleo derramado. Dado estes fatores, diversas pessoas, movidas por curiosidade e preocupação, se destinam às praias para procurar fragmentos e/ou manchas de óleo e contribuir para as atividades de remoção do óleo da praia. Profissionais atuantes nesse ambiente, como vendedores, garçons e barraqueiros também são imbuídos da limpeza das areias.

Este é um ponto interessante dado o apelo e envolvimento da população, que na maioria dos locais, estas atividades foram organizadas pela iniciativa popular. Nos diversos encontros que ocorreram, percebemos a desorientação e falta de informação demonstrada pelo desconhecimento de regras básicas quando em contato com o óleo. Para suprir esta demanda, foram dadas orientações informais sobre a toxicidade destes compostos e da necessidade do uso imprescindível de equipamento de proteção individual (EPI) adequados à manipulação com este material:

Informar todos os telefones de contatos de emergência, como MARINHA, IBAMA, IcmBio e outras competências envolvidas.

Manter a população ciente quanto às ocorrências e aos riscos à saúde.

Evitar contato com a pele e mucosas.

Armazenar em local de destinação apropriados como tonéis de metais.

Local de destinação deve ser impermeável e coberto, para evitar tanto a contaminação do solo e lençol freático e também da exposição direta ao sol.

Solicitar à prefeitura a identificação do local da destinação final.

Solicitar à prefeitura recipientes adequados ao armazenamento temporário do óleo até seguir para a destinação final.

Solicitar à prefeitura o transporte do óleo coletado ao local de destinação final.

Não armazenar em sacos plásticos.

Não levar para casa.

Descartar adequadamente os EPIs utilizados, pois serão fontes de contaminantes.

Verificar as recomendações da embalagem dos EPI para verificar se os mesmos são adequados.

Evitar o contato e exposição de crianças, idosos e mulheres grávidas ao óleo e seus fragmentos.

Voluntariado é recomendado apenas aos maiores de 18 anos, cientes dos riscos e com EPI adequado.

Observação da necessidade de orientar barraqueiros e usuários freqüentes das praias para minimizar impactos secundários, causados, por exemplo, pela atitude de enterrar os fragmentos de óleo encontrados nas areias.

Alertas para que não se transforme um problema ambiental em um problema de saúde pública!

Recomendações para monitorar água do mar e de estuários, sedimento de praias, recifes e mangues, além de monitorar o pescado através de análises químicas. O monitoramento é importante, pois para amostra de água e sedimentos praiais, temos um marco zero, um controle, coletado antes da chegada das primeiras manchas de óleo na região, o que permite comparações.

Há possibilidade de contaminação da água e da biota, por isso, por isso a recomendação pelas análises pontuais e monitoramento contínuo. Neste caso, existem contaminantes dissolvidos na água que são capazes de serem incorporados por organismos da base da cadeia alimentar e, assim, ir biocumulando até outros organismo de topo da cadeia alimentar, podendo atingir o pescado consumido pela população local e turistas.

Preocupação com questões sócio-econômicas no município de Belmonte, reportada por aluna que desenvolve pesquisa lá, onde a comunidade pesqueira já sofre com os impactos do óleo que atingiu a região.

Dia 11/11/2019 condução de amostras de pescado pelo INEMA, para futuras análises.

Dia 13/11/2019 Seminário Temático sobre Monitoramento dos Ecossistemas do Sul da Bahia (CFCAm), das 9-12h.

Dia 14/11/2019 Participação no quadro UFSB no AR, na rádio 88.7 FM, as 13h: retrospectiva do incidentes, ações da universidade e ações parceiras, e perspectivas.

Colegiado do Curso de Oceanologia

Juliana Pereira de Quadros (coordenadora de curso)

